



**Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu***  
**Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação**  
*Campus Nilópolis*

**Denise David Caxias**

**AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SÃO PEDRO DOS  
PESCADORES DE JURUJUBA- NITERÓI/ RJ A PARTIR DE MAPAS MENTAIS**

Nilópolis - RJ

2018

Denise David Caxias

**AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SÃO PEDRO DOS  
PESCADORES DE JURUJUBA- NITERÓI/ RJ A PARTIR DE MAPAS MENTAIS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como parte dos requisitos  
necessários para a obtenção do título de  
Especialista em Linguagens Artísticas,  
Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Cláudia de Souza Teixeira

Nilópolis - RJ

2018

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

C384d      Caxias, Denise David  
              As diferentes representações da Festa de São Pedro dos pescadores de  
              Jurujuba - Niterói/ RJ a partir de mapas mentais / Denise David Caxias. -  
              - Nilópolis, 2018.  
              48 f. : il. ; 30 cm.

              Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação) - Instituto Federal de  
              Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Programa de Pós-  
              Graduação em Produção Cultural com ênfase em Linguagens Artísticas,  
              Cultura e Educação, 2018.

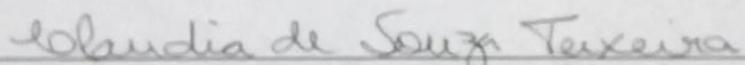
              Orientação: Claudia de Souza Teixeira

              1. Festa . 2. Representação. 3. Mapas Mentais. I. Título.

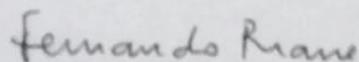
**AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA FESTA DE SÃO PEDRO DOS PESCADORES  
DE JURUJUBA- NITERÓI/ RJ A PARTIR DE MAPAS MENTAIS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como parte dos requisitos necessários para a  
obtenção do título de Especialista em Linguagens  
Artísticas, Cultura e Educação.

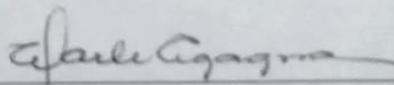
Data da Aprovação: 11 / 01 / 2018



Profª. Dra. Claudia de Souza Teixeira (Orientadora)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro



Profª. Dra. Marli Cigagna  
Universidade Federal Fluminense

Dedico este trabalho a minha mãe, Reny.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois sem Ele nada posso fazer (João 15: 5).

Agradeço à minha família pelo investimento feito em mim ao longo da minha vida; ao meu pai que, ao acordar atrasada, me levava de carro às aulas das professoras Claudia e Ângela, que começavam às 7h30min. Em especial, a minha mãe, sempre fazendo o impossível para que eu estudasse e fizesse aquilo que mais amo: pesquisar. E ao meu sobrinho, por ser o melhor filho que eu poderia, posso e poderei ter. Eu te amo, Antônio Caxias Araújo.

Agradeço ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, pela existência dessa Especialização, que, para mim, foi um divisor de águas. Um programa com excelentes docentes e com uma qualidade incrível; um programa que nos permite conhecer as artes, as diversas linguagens e optar por se aprofundar em uma delas. A todos os professores, muito obrigada.

Mas especialmente ao professor e amigo Dr. Jorge Caê. No início do curso, tivemos nossas desavenças e contrariedades, mas, ao longo do caminho, nos apaixonamos um pelo outro e seria impossível eu não agradecê-lo pela excelência de ser humano que é. Todo meu agradecimento e carinho por você.

Aos professores que aceitaram participar da banca, professor Dr. Fernando Brame, professora Dra. Marli Cigagna, e ao professor Me. Jean Brum, muito obrigada.

Quero agradecer imensamente à minha orientadora, professora Dra. Claudia, pela paciência e confiança. Obrigada por tudo, você é maravilhosa, uma orientadora e mãe, muito obrigada!

Agradeço à professora Dra. Marli Cigagna, por me apresentar à coordenadora pedagógica do colégio estadual onde a atividade fundamental para este trabalho foi realizada. E agradeço à coordenadora pelo recebimento e carinho.

Um agradecimento muito especial à professora Salete Kozel, por ter me recebido em Curitiba, durante os dias 21 a 25 de agosto e 18 a 22 de setembro de 2017, para participar da disciplina “Cultura e representação: diferentes imagens e linguagens”, ministrada pela mesma. Obrigada por abrir as janelas da geografia para mim, por me permitir vivenciar um curso tão cheio de afeto, amor, comprometimento... não tenho palavras para agradecer sua generosidade em compartilhar suas experiências e seu conhecimento geográfico extraordinário. Essa disciplina foi fundamental para minha monografia de especialização e para o meu futuro na geografia cultural. Eu encontrei a Geografia Cultural na Universidade Federal do Paraná. Não tenho linhas suficientes para agradecer. Obrigada, Salete.

Agradeço a todos os meus companheiros, Ana Claudia, Caroline Abreu, Dogivan Gomes, Iris Medeiros, Janice Morais, Julia Carolina, Patrícia Acosta, Priscilla da Silva, Priscilla da Silveira, Rebeca Costa, Rodrigo Claro e Samanta Sironi, da turma 2016. Nunca haverá turma melhor.

Em especial, aos amigos Janice e Rodrigo. Vocês foram uma grata surpresa em minha vida. Amo vocês!

À minha amiga Camila Martorelli, por sempre estar presente em todos os momentos da minha vida, seja presencialmente ou me dando bronca por procrastinar. Eu te amo!

Aos amigos Fernando Damasco e Carolina Ramos, por se fazerem presentes neste processo.

Ao meu primo Christian Pedro, por ter digitalizado TODOS os documentos necessários para submissão na plataforma Brasil. Nenhum dinheiro pagará esse trabalho.

Agradeço às minhas “filhas” Isabela, Ratinha e Pururuca, pelas noites mal dormidas por eu ficar acordada escrevendo ou estudando.

As representações não têm por objetivo mensurar o espaço físico e reproduzi-lo com precisão, mas traduzir hipóteses sobre a organização espacial, aberto a toda riqueza que este conceito pode oferecer.

(Salette Kozel)

CAXIAS. Denise David. *As diferentes representações da Festa de São Pedro dos pescadores de Jurujuba- Niterói/ RJ a partir de mapas mentais*. XX p. Trabalho de conclusão de curso. Programa de Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender as diferentes representações da Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba, Niterói, RJ, a partir da interpretação de mapas mentais. Partindo-se da concepção de que a Festa produz identidade e delinea um território, um lugar, o propósito da pesquisa foi a compreender como os jovens assimilam, percebem a Festa. Para isso, escolheu-se realizar uma atividade, numa turma de 9º ano do ensino fundamental II, em um colégio estadual do bairro. Assim, buscou-se, aqui, compreender através das imagens/ textos que os alunos construíram e pela metodologia Kozel, com o aparato da fenomenologia e o suporte da geografia cultural humanista, como esses sujeitos vivenciam, significam e representam a Festa. Desta forma, procurou-se, neste trabalho, relacionar os temas festa, identidade, representação, memória, imaginário e mapas mentais e evidenciar as dinâmicas da cultura, ressaltando a importância de não compreendê-la de forma engessada. A base proposta por Kozel (2001) (sujeito/signo/imagem) constrói uma representação simbólica que se busca aqui desenvolver a partir da decodificação dos mapas mentais feitos pelos estudantes. As ciências geográficas, linguística e psicologia social dialogam neste trabalho com o intuito de evidenciar que as representações são construções sociais e culturais.

**Palavras-chave:** Festa. Representação. Mapas mentais.

CAXIAS. Denise David. *As diferentes representações da Festa de São Pedro dos pescadores de Jurujuba- Niterói/ RJ a partir de mapas mentais*. XX p. Trabalho de conclusão de curso. Programa de Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

## ABSTRACT

The present work aimed to understand the different representations of San Pedro of the Fishermen from Jurujuba Feast, Niterói, RJ, from the interpretation of mental maps. Starting from the conception that the Fiesta produces identity and delineates a territory, a place, the propose of this search was to understand how young people assimilate, perceive the Fiesta. For this, it was chosen to carry out an activity, in a 9th grade class of the fundamental education II, in a public school in the neighborhood. Thus, it is sought here to understand through the images /that the students built and by the Kozel methodology, with the apparatus of phenomenology and the support of humanistic cultural geography, how those subjects experience, signify and represent the Feast. In this way, we sought in this work to talk about feast, identity, representation, memory, imaginary and mind maps and evidenced the dynamics of culture, highlighting the importance of not understanding it in a plaster. The base proposed by the researcher Kozel (2001) (subject / sign / image) constructs a symbolic representation that will be sought here to develop from the decoding of the mental maps made by the students. The geographical, linguistic and social psychological sciences dialogue in this work in order to show that representations are social and cultural constructions.

**Keywords:** Feast. Representation. Mental maps.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1. FESTA: LUGAR DAS REPRESENTAÇÕES</b>	13
1.1. REPRESENTAÇÕES EM GEOGRAFIA	14
1.2. A FESTA DE SÃO PEDRO DOS PESCADORES DE JURUJUBA	19
<b>2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: OS MAPAS MENTAIS</b>	26
2.1. ESPAÇO VIVIDO E PERCEPÇÃO: FENOMENOLOGIA E HUMANISMO	27
2.2. OS MAPAS E SEUS SIGNIFICADOS	29
<b>3. EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS: DESCORTINANDO SIGNIFICADOS</b>	32
3.1 ANALISANDO OS MAPAS	33
3.2 MEMÓRIAS, IDENTIDADES E FESTA	40
<b>4. REFLEXÕES FINAIS: UM MUNDO DE SIGNIFICADOS</b>	43
<b>REFERÊNCIAS</b>	45

## INTRODUÇÃO

A festa é produto da identificação coletiva que produz e re-produz uma identidade cultural e territorial; ela é um polo agregador. Castells (1999) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Compreende-se, portanto, a festa como uma construção orgânica da sociedade, na qual a sua criação é fruto das experiências individuais frente a um atributo cultural que a torna experiência coletiva, e a sua reprodução se dá por intermédio da celebração que justifica a resistência identitária de um grupo social.

O lugar escolhido para se compreender as dinâmicas da Festa é o bairro de Jurujuba, na cidade de Niterói, RJ. O bairro historicamente marcado pela presença militar, localizado à borda leste da entrada da Baía de Guanabara, possui cinco fortes, e estes foram fundados a partir do século XVI como estratégia militar de defesa nacional. Esses fortes constituem o maior complexo contínuo de fortes do país, são eles: Forte de Santa Cruz da Barra, São Luiz, Pico e Barão do Rio Branco. O bairro ainda carrega rugosidades<sup>1</sup>, pois foi historicamente preservado por ter, em seu processo de ocupação, povos indígenas, colônia de pescadores e, hoje, possui um grande potencial de atividade de maricultura.

O bairro, pitoresco e distinto, frente à condição urbana de toda a cidade, possui uma tradicional Festa a São Pedro, que atrai turistas e devotos de todo o estado e se expressa em meio a uma procissão marítima de 93 anos, segundo a história oral (RIBEIRO, 2013).

A Festa é comemorada em 29 de junho. Esta, em comemoração ao santo, dura cerca de quatro a cinco dias, de acordo com o ano e a estratégia organizacional<sup>2</sup>. Na agenda da festa, o dia mais importante é o de São Pedro, que começa com a alvorada, às cinco horas da manhã, com a banda da Fortaleza de Santa Cruz, o forte mais próximo da igreja. Às seis horas, há a primeira missa, que lota a pequena igreja. Às nove horas, ocorre a missa campal, e, em seguida, inicia a procissão terrestre, da igreja até o cais, onde uma imagem do santo é levada

---

<sup>1</sup> Segundo Milton Santos (2004, p. 173) “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço.”

<sup>2</sup> A data de início e fim da festa de São Pedro depende da festa de São João Batista. Em 2017, por exemplo, a festa de São João, que é a Catedral Metropolitana da cidade, começou no dia 23 de junho, sexta-feira, e terminou no dia 25, domingo. O dia do santo é o dia 24. Dessa forma, aproveitou-se o final de semana. Há uma dependência de qual dia da semana acontecerá o dia do santo, pois há necessidade de um tempo suficiente para os barraqueiros se deslocarem do centro da cidade de Niterói para Jurujuba, pois, em sua maioria, são os mesmos nas duas festas.

ao barco, todo enfeitado, para iniciar a procissão marítima por toda a enseada de Jurujuba, percorrendo os principais pontos da cidade.

A procissão marítima dura cerca de duas horas, e, durante sua passagem, pessoas se posicionam nas praias de Charitas, São Francisco, Icaraí e das Flechas para acompanhar a procissão, além daqueles que acenam de seus prédios. À tarde, há atrações no bairro, que conta com várias barracas para atender desde o público infantil até o mais idoso. Finalizando o dia do santo, há a queima do quadro de São Pedro. Todos os dias acontecem shows depois das 22h.

Essa festa representa a história da formação de um lugar: a comunidade de Jurujuba. Durante o ano de 1565, aconteceu a divisão da Freguesia de Jurujuba em sesmarias. Mas somente no final do século XVIII, graças à elaboração do “Plano de rua da Baía do Rio de Janeiro”, de Bulhoens, sabe-se da existência de povoação na região. A partir de 1863, há relatos de “índios que formaram uma povoação numerosa que ainda hoje subsiste, povoada de pescadores e alguns fazendeiros” (CASADEI, 1988). Até os dias de hoje, existe uma colônia de Pescadores em Jurujuba e também há intensa atividade maricultora.

A pesca foi uma atividade econômica local que se reproduziu socialmente durante anos. Segundo a tradição, a primeira procissão marítima que ocorreu apenas na enseada de Jurujuba foi em agradecimento a uma grande pesca de camarão, em 29 de junho de 1923. Desde esse ano, a procissão continua a acontecer, mas a Festa de São Pedro foi se ampliando e hoje conta com um palco da rádio FM O Dia, barracas de diversos tipos e apoio da Empresa de Lazer e Turismo S/A, a Neltur.

A Festa hoje tem caráter turístico, e sua celebração reforça a resistência cultural deste atributo: a devoção a São Pedro. Por ser um elemento central no bairro, a Festa desperta as mais variadas representações e constitui híbridas identidades. Partindo desse pressuposto, buscou-se compreender, nesta pesquisa qual a representação da Festa para os alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental do colégio estadual localizado no bairro.

Segundo Kozel (2009), representações são

[...] construções imagéticas decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais. Assim sendo, refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos, que as produzem perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo / simbólico que se situa na base da relação sujeito /signo/ imagem. (KOZEL, 2009, p.1)

O estudo de caso, neste trabalho, é focado na Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba na cidade de Niterói e em adolescentes que moram no bairro ou no bairro próximo. A base proposta pela pesquisadora Kozel (2001), sujeito/signo/imagem, constrói uma

representação simbólica que se busca aqui desenvolver a partir da decodificação dos mapas mentais, a partir da metodologia Kozel (2001).

O mapa mental, na perspectiva da Geografia Humanístico-Cultural<sup>3</sup>, foi escolhido como aporte metodológico, para a compreensão da representação sociocultural dos alunos, por ser “uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2009, p.1).

Para Kozel,

Partindo do pressuposto de que todo signo é uma construção social, portanto, permeada pelos valores culturais, aguçamos nosso olhar sobre as abordagens humanística, social, cultural em direção aos conceitos de espaço vivido, lugar e território. Ao refletir sobre as relações estabelecidas entre o ser humano como indivíduo, com o grupo social, o ambiente e as ações refletidas na organização espacial, voltamo-nos à comunicação e à representação, que reflete a visão de mundo estabelecida pelo grupo social. (KOZEL, 2001, P. 17)

Nesse sentido, interpretaram-se os mapas mentais dentro da proposta metodológica prevista, buscando, a partir das categorias de análise, compreender a percepção cultural e social do grupo e como seu ambiente de vivência reelabora a representação da Festa. Os mapas mentais foram obtidos em oficina realizada no colégio estadual do bairro.

---

<sup>3</sup> Geografia humanístico-cultural é uma das vertentes da chamada Geografia Cultural, onde o foco de análise se dá na percepção dos sujeitos em relação ao seu ambiente de vivência, seu espaço vivido. (HOLZER, 2012)

## 1. FESTA: LUGAR DAS REPRESENTAÇÕES

A Festa é um momento extraordinário da alegria, do sorriso e das músicas por meio dos valores que desvelam as fronteiras existenciais. (TEIXEIRA, 2016, p.21)

A festa constitui-se como um lugar-território, um espaço agregador, onde se manifestam distintas corporeidades e significados. A partir de uma construção individual e coletiva, diversas representações ocorrem no contexto da festa. Nesse sentido, concorda-se com Teixeira (2016, p.98) ao afirmar que “o lugar da festa, como representação simbólica, constitui-se pelos múltiplos sentidos e significados garantidos pelos costumes, hábitos e valores.”

Acredita-se, portanto, que a festa constitui-se em uma produção do cotidiano, como afirma Guarinello,

[...] uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. (GUARINELLO, 2001, p. 972)

Essa identidade é forjada no contexto da disputa pelo sentido da festa e pela narrativa que se quer construir a partir dela. Sendo assim, a festa não romperia com o cotidiano, mas tornaria parte integrante e fundamental. Para Caxias,

[...] a Festa constitui um cotidiano, um cotidiano extraordinário. Momento de efervescência coletiva, onde os sujeitos incorporam suas subjetividades e as exteriorizam na materialização de suas ações. É Festa, é Fé, é Cultura, é Devoção, é Identidade! São práticas culturais/religiosas alinhavando o contexto cultural e identitário num território efêmero, mas fundante da tradição e da narrativa que se quer permanecer sobre todas as outras [...]. (CAXIAS, 2017b, p. 5797)

Ou seja, mesmo que a festa ocorra apenas uma vez ao ano, ela compõe um calendário, uma rotina. Assim sendo, constrói sentidos e reafirma identidades. É um território, porque “territorializa os espaços em que elas incidem ou ocorrem” (ALMEIDA et al, 2016, p.356); é um lugar porque carrega, em seu construto, a relação afetiva de pertencimento; o espaço torna-se lugar à medida que o dotamos de valor (TUAN, 1983).

Dessa maneira, podemos observar que a festa possui diferentes representações, que, mesmo coletivas, também se desdobram em representações individuais, em um processo retroalimentativo.

Neste capítulo, abordamos, ainda, conceitos de representação, festa e lugar, conectando-os para se compreender a dinâmica da Festa analisada. Assim, primeiro buscou-se um resgate da construção desses conceitos para a base deste trabalho.

## 1.1. REPRESENTAÇÕES EM GEOGRAFIA

Na década de 1960-1970, as Ciências Sociais sofreram a chamada *cultural turn*, uma virada cultural que seria acompanhada por diferentes momentos de “ruptura epistemológica”, seja na Sociologia, conforme apresenta Noller, “o que, nos anos de 1970, se anuncia empiricamente como globalização é acompanhado por uma transição epistemológica, a passagem de uma compreensão tradicional, geograficamente limitada, para outra, pós-tradicional, aberta e plural, do espaço social” (NOLLER, 2000, p. 21); seja na geografia cultural, como propõe McDowell (1996) e Claval (2002, 2004, 2012), em que os geógrafos começam a questionar o sentido de cultura e como esta se vincula à organização espacial.

McDowell (1996) aponta que a Geografia Cultural tem se mostrado um campo de pesquisa “excitante”, abrangendo o seguinte:

[...] as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado de paisagens e a construção social de identidade baseadas em lugares [...] seu foco inclui a investigação da cultural material, costumes sociais e significados simbólicos [...] (MCDOWELL, 1996, p. 159)

A autora agrega, ainda, três momentos de transformação da geografia cultural, já que sua proposta é apresentar uma historiografia dela. O primeiro enfatizava a chamada Escola de Berkeley<sup>4</sup>. Num segundo, apresentava a abordagem da geografia cultural, que vai definir cultura como “conjunto de significados compartilhados expressos nas práticas sociais dentro de um lugar” (Ibidem, p. 159, 160). Junto a essa perspectiva, também desenvolveu o momento da Escola do Paisagismo. Por último, resgatou a dimensão da Teoria Social, evidenciando que não apenas os geógrafos culturais buscavam estudar a cultura, mas os

---

<sup>4</sup> A denominada Escola de Berkeley ou Saueriana tem seu auge, em 1925, com um famoso texto publicado por Carl Sauer, “*A Morfologia da Paisagem*”. É considerada a primeira fase da Geografia Cultural que, segundo Claval (1999), estende-se de 1890 a 1940. A cultura, nesse período, é considerada uma entidade supra-orgânica, que paira sobre o *éthos* social; é adquirida pelo poder causal. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012)

teóricos sociais também, principalmente mostrando como a “crescente escala global de produção e consumo afeta as relações entre identidade, significado e lugar” (Ibidem, p.160). O enfoque deste trabalho será na segunda perspectiva.

Para McDowell (1996):

Cultura é um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Ideias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de ideias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço. (MCDOWELL, 1996, p. 161, grifos nossos)

É importante destacar, nessa afirmativa, que as representações sociais se constroem num aporte coletivo, mas são ressignificadas pelos indivíduos do grupo e mudam no tempo e no espaço. Os movimentos de contestação cultural são exemplos dessa dinâmica espaço-temporal. E, nas tradições festivas, não é diferente. Novas tradições são reinventadas na perspectiva da renovação cultural. A Geografia Cultural brasileira, no entanto, levou um tempo para incorporar essa discussão.

Segundo Claval (2012), a abordagem cultural, na Geografia brasileira, ficou em “repouso” entre os anos 1950 e 1980. A necessidade de uma Geografia crítica que protagonizasse, dentro das ciências sociais, uma explicação para o momento histórico que estava acontecendo, a ditadura militar, fez com que essa abordagem não tivesse um protagonismo e ficasse à margem dentro da própria ciência geográfica.

Ao fazer um balanço sobre a história da Geografia, Claval (2011) tece suas críticas ao modelo adotado pelos pesquisadores em Ciências Sociais nas décadas de 50 e 60, os quais usavam, como fundamento de análise, o estruturalismo. A base desse fundamento é que as configurações estruturais da sociedade permanecem estáveis por longos períodos e o indivíduo é refém dessa condição reproduzindo-a, isto é, “as preferências e as escolhas dos indivíduos não tinham nenhum papel na construção dessas estruturas.”(Ibidem, p.7)

Ele afirma ainda que, nos anos 70, a crítica ao modelo estruturalista (que explicava a permanência das estruturas, mas não a evolução delas, ignorando assim a história) foi fundamental para a proposta estruturacionista, em que se associava o estruturalismo e o papel da iniciativa individual na França, com Bourdieu 2009 [1980], e, no Reino Unido, com Giddens (1984).

Essa nova perspectiva de pensar o espaço social, num constante diálogo entre a ação dos sujeitos e as bases estruturais da sociedade, permite uma melhor compreensão do fenômeno da festa, em especial, a festa religiosa popular. Claval, ao afirmar que “As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente” (2010, p.39), consente pensar sobre a complexidade das ações individuais frente às estruturas pré-concebidas.

Claval argumenta que:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente, e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. (CLAVAL, 2002, p. 20)

McDowell (1996) aponta que os teóricos sociais, cada vez mais, se envolvem no debate da identidade, significado e lugar, cuja atenção é concentrada nas maneiras como símbolos, rituais, comportamentos e práticas sociais resultam num compartilhamento conjunto ou num conjunto de significados, ou seja, as representações mentais. Importante destacar que McDowell, ao discorrer sobre a Modernidade e a ordem simbólica da metrópole, destaca alguns teóricos-chaves de importância recente na Geografia Cultural, são eles: Michel De Certeau (1980 – *A prática da vida cotidiana*), Guy Debord (1967 – *A sociedade do espetáculo*) e Henri Lefebvre (1974) – *A produção do espaço*). Ela vai ressaltar a importância desses autores para pensar o espaço de forma vivenciada, imaginada. São novas interpretações em relação aos trabalhos desses autores que, segundo Claval (2004), farão se repensar o tema da produção do espaço.

No pós-período militar, com a tradução dos livros de Yi-Fu Tuan, em 1980 (*Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*) e 1983 (*Espaço e lugar*), a abordagem fenomenológica na Geografia Cultural e Humanista brasileira ganhou novos ares. Oliveira e Machado foram as protagonistas dessa difusão, e a categoria “lugar”, dentro da proposta conceitual do espaço, afirma-se (CLAVAL, 2012).

Assim sendo, nas décadas de 1970 e 1980, a Geografia Humanista estreitou seus laços com a Geografia Cultural e com a Geografia Histórica, ganhando status de campo disciplinar. Hoje, usa-se o termo Geografia Cultural Humanista (HOLZER, 2012). As representações em Geografia possuem, assim, o aporte do método fenomenológico e da Geografia Cultural Humanista.

Bailly (1995) afirma que “représentation” é uma

Création sociale ou individuelle de schémas pertinents du réel dans le cadre d'une idéologie ; elle consiste soit à évoquer des objets en leur absence, soit, lorsqu'elle double la perception en leur présence, à compléter la connaissance perceptive en se référant à d'autres objets non actuellement perçus. (BAILLY, 1995, p.373)<sup>5</sup>

Ou seja, as representações em Geografia constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma ideologia.

Isto posto, Kozel (2001) afirma:

A Geografia das representações objetiva entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido através de experiências, temporal, espacial e social, existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário revolucionando a gênese do conhecimento. Portanto, nos permite compreender a diversidade inerente às práticas sociais, as mentalidades, os vividos, podendo até nos permitir melhor entender os movimentos regionalistas e as tensões inter-regionais. (KOZEL, 2001, p. 213)

A Geografia das representações permite compreender as especificidades do indivíduo, porém sem negar o seu construto social. Os signos que permeiam as distintas realidades foram construídos socialmente ao longo da existência daquele indivíduo. “Portanto a representação é aqui considerada como uma forma de linguagem impregnada de significados e valores sociais refletindo a realidade ou vivência social dos indivíduos” (KOZEL, 2009, p.1).

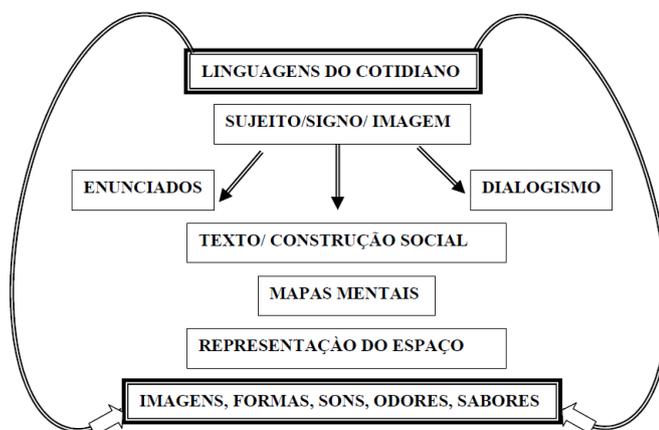
Na Figura 1, é possível compreender o processo dialógico entre as linguagens cotidianas, como imagens, sons, sabores, na construção sógnica dos sujeitos. A proposta aqui apresentada para compreensão da Festa de São Pedro se baseia na discussão de Kozel (2001, 2009), de considerar as representações como uma forma de linguagem, e seu aporte teórico-conceitual está em Mikhail Bakhtin (1986), que, a partir do conceito de enunciado, permitiu que Kozel fizesse uma análise socioespacial dos signos com base na interpretação dos mapas mentais. Assim sendo, expôs as relações entre as esferas sociais e as formas de comunicação. Desta forma, consideraram-se as imagens como textos<sup>6</sup>, e estes não são apenas uma

---

<sup>5</sup> “Criação social ou individual de padrões pertinentes a uma realidade dentro do quadro de uma ideologia; consiste em evocar objetos em sua ausência, ou, quando duplica a percepção em sua presença, ao completar o conhecimento perceptivo ao se referir a outros objetos que não são percebidos atualmente.” Tradução nossa

<sup>6</sup> Para Bakhtin, texto é signo que se constitui nas fronteiras do dito e do não-dito; do verbal e do extraverbal onde se desenrola a situação comunicativa. Para ele, tudo o que se diz é determinado pelo lugar de onde se diz. É necessário situar o texto no centro da investigação sobre a linguagem, valorizar as formações discursivas como agentes desse tecido complexo, e, com isso, desvendar o funcionamento do mundo verbal e de seus signos. (MACHADO, 1996, p.90)

representação individual, mas coletiva, à medida que se compartilham valores e significados com comunidades e redes de relações (KOZEL, 2009).



Esquema 1: Representação e Enunciado

Fonte: KOZEL, 2009, p. 2.

Por conseguinte, relaciona-se também à representação pela perspectiva de Hall (2016), ao abordar o enfoque da teoria representacional construtivista, na qual “as coisas não significam: nós construímos sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (Ibidem, p. 48). O sistema de linguagem construído pelos indivíduos é que vai dar sentido ao mundo material: “Os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para outros”, (Ibidem, p. 49).

Para alcançar a dimensão simbólica das práticas sociais e culturais, o método fenomenológico tem sido a ferramenta dos geógrafos culturais e, principalmente, dos humanistas. Holzer (2012, p.169) afirma que “o método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, por meio da intencionalidade, reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva”. Desta forma, ao relacionar os lugares, as representações, significados e as vivências, podem-se interpretar as percepções e intencionalidades humanas. Nesse caso, as representações dar-se-ão por meio dessa contribuição da Geografia Cultural Humanista a partir do tangenciamento da Fenomenologia.

Procurou-se aqui compreender as diferentes representações a partir das subjetividades dos sujeitos nas suas diferentes formas de viver e se relacionar com o mundo, por meio dos mapas mentais, que foram lidos como texto (KOZEL, 2001), na interface entre cultura, identidade e

alteridade, à medida que se propôs a analisar, de maneira qualitativa, como a Festa de São Pedro constrói diferentes imaginários.

## 1.2. A FESTA DE SÃO PEDRO DOS PESCADORES DE JURUJUBA

A festa é objeto de estudo das mais distintas ciências, como Antropologia, Sociologia, Etnologia e Geografia. Guarinello (2001) afirma:

Uma Festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A Festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço sociais. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. (GUARINELLO, 2001, p. 972)

Corrêa (2013) ratifica:

[...] a Festa, diante da perspectiva geográfica, permite descobrir signos espaciais que, ao assumirem a condição de geossímbolos, estabelecem um vínculo a partir de uma identidade existente entre o grupo social que festeja e o espaço. Essa identidade é construída sob a perspectiva de atribuir valores políticos, ideológicos e afetivos ao espaço da Festa, condição básica para a territorialização desta. (CORRÊA, 2013, p.207)

A definição proposta pelo antropólogo Guarinello (2001) abrange o contexto e ratifica a busca do trabalho de compreender um dos resultados da produção de identidade da festa, e a geógrafa Corrêa (2013) amplia o conceito na Geografia, trazendo a ênfase do vínculo espacial do grupo que festeja e também da atribuição da identidade pelos signos da festa na festa e no cotidiano dos indivíduos.

Para Cruz, Menezes e Pinto (2008),

[...] todo espaço ou lugar possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade que vem constituir pertencimento, e por que não dizer identidades, uma vez que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si. Tais práticas exercidas no cotidiano da comunidade vêm consolidar referência a um grupo ou a uma comunidade em uma região. (CRUZ, MENEZES, PINTO, 2008 p.2)

Pode-se observar que as práticas culturais e religiosas são fundamentadas na relação sujeito/signo/imagem, conforme Kozel afirma: “as representações refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos, que as produzem perpassadas por diferentes

prismas em direção ao representativo/simbólico” (KOZEL, 2009, p.1). O ato da reprodução das práticas exercidas pela festa e para festa pelos indivíduos fortalece e reproduz os códigos sociais e culturais por eles construídos.

Ikeda e Pellegrini (2008), *apud* Caponero e Leite (2010), afirmam que

As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o **momento da conformação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal.** (IKEDA e PELLEGRINI, 2008, p.207, citado em CAPONERO E LEITE, 2010, p. p.101. grifo nosso)

A festa possui todas essas características que, juntas, agregam e formam uma memória festiva que se reproduz a partir das práticas culturais e religiosas.

A Festa de São Pedro dos Pescadores realiza-se no bairro de Jurujuba (Fig.2), que está localizado, na borda leste da Baía de Guanabara, em Niterói, Rio de Janeiro. Nesse bairro, tradicionalmente reconhecido no estado pela pesca, as relações sociedade-natureza estão muito presentes no cotidiano dos moradores.

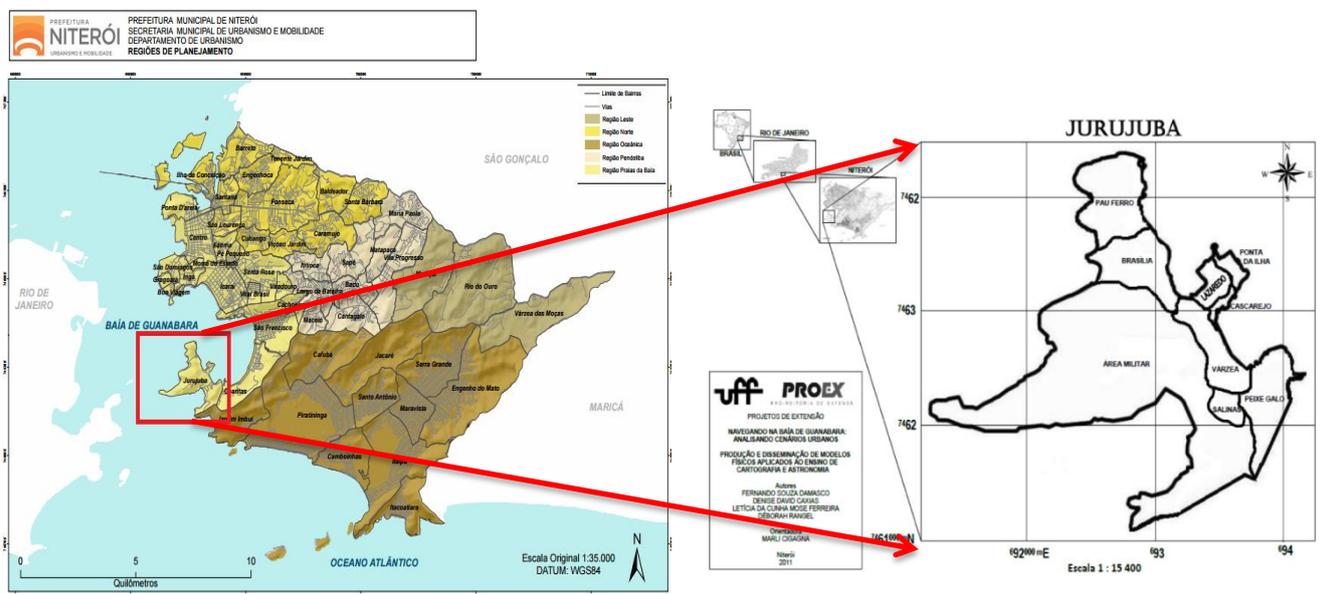


Figura 2: Mapa: Regiões de Planejamento: Bairros e Regiões 2014 e Mapa da Organização social do bairro  
Fonte: Caxias e Fernandes, 2011, p.29 (editado).

A relação material com o território - considerando-o como uma porção da natureza e do espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte

dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é capaz de utilizar (GODELIER, 1984) – foi fundamental para a permanência e sobrevivência dos moradores durante décadas. A pesca é a representação vida dessa relação. A apropriação do espaço, através do seu uso para a busca de recursos de subsistência e sobrevivência, foi uma das formas de enraizamento do poder simbólico nesse território.

Jucélio Francisco Soares<sup>7</sup>, de 65 anos, afirma que: “A pesca é uma fonte de renda para praticamente todos os moradores das comunidades de Jurujuba. Por mais que se trabalhe fora, de um jeito ou de outro, convivemos com ela e dependemos dessa atividade como complemento ou até como única fonte de renda.”.

Dessa forma, as condições de sobrevivência conduziram uma relação de afeto, seja com a qualidade do ambiente em que vivem (o bairro margeado pela Baía de Guanabara), seja pela consciência da importância da Baía como fonte de subsistência. Caxias e Fernandes (2012) afirmam que “La identidad de la comunidad fue configurada por la construcción y la transformación histórica del litoral de la enseada, creando un territorio propio, un espacio único, un lugar de historias, una región que vive de la pesca. Jurujuba presenta una fuerte identidad territorial.<sup>8</sup>” (CAXIAS e FERNANDES, 2012, p. 28).

As relações afetivas influenciam os indivíduos a vivenciarem e compreenderem o mundo a partir de suas subjetividades, e, assim, a materialização de suas ações estão intrinsecamente vinculadas às suas crenças. Segundo Ribeiro (2013), desde 1901, festejava-se São Pedro no bairro, mas, após uma grande pesca de camarão atribuída a São Pedro pelos pescadores de Jurujuba em 1923, os comandantes Aragão, Ernani e Sacadura deram início à primeira procissão marítima em torno da enseada de Jurujuba, atraindo centenas de pessoas de todo o entorno para observarem esse itinerário simbólico.

Assim nasce a narrativa sustentada, até os dias de hoje, pelo grupo social no bairro de Jurujuba. Mendonça (2001) afirma que:

A produção de expressões culturais tradicionais se realiza dentro de uma perspectiva de reprodução simbólica de práticas e vivências compartilhadas, comuns aos membros do grupo ou da comunidade. Geralmente **baseiam-se nas tradições e em uma memória coletiva que tem como fundamento para sua sobrevivência sua natureza repetitiva, conservadora e autorreferente**. Apesar de se alterar ao longo do tempo, de incorporar novos elementos, formas de expressão ou mesmo se apropriar e/ou ressignificar conteúdos “modernos” aprendidos de outras instâncias distantes de sua experiência concreta, **sua permanência está vinculada à estabilidade das referências, à sua temporalidade cíclica e sobretudo à**

<sup>7</sup> Relato disponível no site do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.rj.gov.br/web/sedrap/exibeconteudo?article-id=2017991>> . Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>8</sup> “A identidade da comunidade foi configurada pela construção e transformação histórica do litoral e da enseada, criando um território próprio, um espaço único, um lugar de histórias, uma região que vive da Pesca. Jurujuba apresenta uma forte identidade territorial.” Tradução nossa.

**capacidade de ser significativa, de fazer sentido para aqueles que dela participam.** (MENDONÇA, 2001, p. 5, grifo nosso).

A partir dessa perspectiva, Mendonça abre caminho para a reflexão acerca da cultura como reinvenção e não como algo cristalizado, mas dinâmico. Dessa forma, permite novas incorporações, não dicotomizando tradição e cultura, mas compreendendo que os processos identitários são dinâmicos, a cultura é dinâmica, assim sendo, os mais jovens começam a ritualizar e inovar as práticas culturais para perpetuação da tradição. Entende-se aqui tradição no sentido dinâmico e não estagnado. Na ciência geográfica, pensa-se a Festa de distintas formas, pela sua espetacularização, mercantilização (BEZERRA, 2006, 2007, 2009), reinvenção frente à globalização (FERREIRA, 2002; CORRÊA, 2004) e/ou pelas representações simbólicas da Festa (CORRÊA, 2004, 2013; ALMEIDA, 2016).

Trabalhando um pouco mais sobre a tensão entre tradição e modernidade, em que as festas tradicionais “não podem” ser reinventadas para não perder a tradição, Corrêa, ao pesquisar a Festa da Irmandade da Boa Morte em Cacheira, Bahia, em processo de turistificação, enfatiza:

[...] as festas consideradas como tradicionais, recebem críticas negativas, diante da perspectiva de uma perda da autenticidade destas, negando desta forma, em nosso entendimento, a capacidade de reinvenção, de dinamismo da sociedade e suas práticas culturais.

Neste sentido, é importante notar que o dinamismo das práticas culturais situam-se nas conexões que são efetuadas – das mais diversas ordens – que por sua vez, é que dotarão o ato de festejar de múltiplos sentidos – relativizados – conforme o ângulo pelo qual seja apreendido, descortinando uma ótica que nos permite conceber e analisar a festa diante de um contexto de mediação de conflitos e alianças, determinadas por uma busca pelo domínio sobre o discurso da festa. (CORRÊA, 2004, p. 42).

E, nesse processo de ressignificação ou reinvenção, Ferreira afirma que “festejar é possuir um discurso” (FERREIRA apud CORRÊA, 2004, p. 42) e prossegue “festejar é lutar pelo poder de se definir o que é ou o que não é festa, dimensionando-o em contextos que vão da integração global à referência local”. Assim, pode-se afirmar que a festa é a um agente territorializador de práticas culturais, constituidor de uma representação simbólica coletiva. É na figura da festa que o catolicismo, enquanto prática cultural e religiosa, constrói uma narrativa válida sobre a história biográfica daquele espaço.

A apreensão das diferentes representações da Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba enuncia uma especificidade e uma ideia de tradição. A Festa acontece todos os anos

desde 1913<sup>9</sup> (*O FLUMINENSE*, 1913, p.1), no dia 29 de junho, dia do padroeiro São Pedro, e conta uma tradicional procissão marítima (Figura 3) que percorre toda a enseada de Jurujuba, na cidade de Niterói, RJ. Segundo Ribeiro (2013), a Festa/procissão marítima é o maior evento religioso na cidade de Niterói e do estado do Rio de Janeiro.



Figura 3: Procissão Marítima  
Fonte: Caxias, 2016

É importante destacar a procissão marítima porque representa um símbolo cultural, além de uma prática religiosa que reafirma a identidade do grupo social. A procissão é evidenciada pela mídia, televisiva e impressa, além de constituir o marco da Festa em devoção ao Santo.

Bonnemaison (2012, p. 292) afirma que o geossímbolo é “um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”. A procissão marítima pode ser considerada um geossímbolo a partir dessa conceituação. O percurso assume essas dimensões simbólicas e se coloca como clímax dessa comemoração. Não somente a procissão, que é um itinerário, mas a Capela de São Pedro (Figura 5), durante o período da Festa, é iluminada, territorializando o território-lugar Jurujuba.

---

<sup>9</sup> Embora a tradição oral conte a partir de 1923, há relatos no jornal *O Fluminense*, periódico da cidade de Niterói, da procissão marítima desde 1913.



Figura 4: Capela de São Pedro iluminada.  
Fonte: Caxias, 2017

Essa prática cultural/religiosa que se traça na Baía de Guanabara, percorrendo toda a enseada de Jurujuba, compreendendo os bairros de Jurujuba, Charitas, São Francisco, Icaraí, Ingá, Boa Viagem (passando pelo Museu de Arte Contemporânea), retornando a Jurujuba pela Fortaleza de Santa Cruz da Barra, imprime uma marca na cidade. A marca do “ato de festejar” que “enseja a constituição de territorialidades que delineiam o território – um território encarnador da cultura”. (CORRÊA, 2013, p.207). A partir dessa marca o grupo social preserva uma memória social e cultural.

Haesbaert (1999, p. 172) afirma que “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta”, a do trabalho, por exemplo. A pesca denota uma dialética fundamental na compreensão da totalidade do espaço no bairro de Jurujuba, pois, a partir do mar, é que se busca o sustento e sobrevivência. Embora hoje a maricultura seja mais forte, a pesca se esvaiu devido à poluição na Baía de Guanabara acumulada ao longo do tempo. Entretanto as rugosidades (SANTOS, 2004) remanescentes da pesca influenciam fortemente o turismo.

Essa forte identidade territorial/cultural é reproduzida nos discursos, nas práticas culturais e religiosas, são representadas todo o tempo, sempre no sentido da buscar de si mesmos, do seu próprio grupo social. Busca-se aqui compreender essas identidades a partir das representações da Festa a partir de mapas mentais.

Os mapas mentais são uma forma de linguagem e podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores (KOZEL, 2009, p.1). Neste trabalho, o

Mapa mental é interpretado como “uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais e os estudantes os agentes que as referendam.” (KOZEL 2009, p.11).

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: OS MAPAS MENTAIS

O caminho que levou a pesquisadora a adotar, como procedimento metodológico, a proposta de Kozel (2001) construiu-se à medida que se constatou a necessidade de decodificar os significados da Festa de São Pedro, já contemplada em outros trabalhos (CAXIAS e FERNANDES, 2012; CAXIAS, 2017a, 2017b), a partir da produção de mapas mentais pelos mais jovens. Acredita-se, conforme Kozel (2001) que

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente tem uma visão muito particular dos lugares e territórios. Entretanto, essas representações advêm do simbólico, de uma construção mental decorrente da apreensão de significados, que raramente podem ser desvendados pela razão. Sendo que o termo Representação para nós significa o processo através do qual são produzidas formas, concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante, ou outra realidade. Torna-se interessante, ainda, deixar explícito que, ao nos referirmos ao termo imagem, estamos falando de uma forma de representação que uma pessoa ou um grupo pode fazer de um fenômeno, portanto, trata-se de uma categoria particular e singular advinda da representação do real de modo figurativo. (KOZEL, 2001, p.207)

A percepção individual da Festa de São Pedro perpassa a memória construída de forma coletiva; o que os jovens ouviram dos pais e dos amigos e suas experiências no cotidiano da Festa. Essa percepção é representada a partir das imagens, que serão lidas como texto dentro da proposta metodológica em ação. Esses textos, que serão explicitados e decodificados, neste trabalho, refletem as subjetividades dos sujeitos, refletem identidades. Os jovens geralmente não se dispõem a serem entrevistados<sup>10</sup>, dessa forma, buscou-se um novo aparato metodológico para se aproximar desses sujeitos.

A proposta dos mapas mentais pela perspectiva cultural humanista permitiu uma abordagem mais próxima dos estudantes. Foi necessário entrar em contato com gestores da escola para conseguir autorização para realizar a atividade em sala com, pelo menos, uma turma. Neste caso, a turma foi de 9º ano, e havia alunos entre 15 e 17 anos. O primeiro contato com a coordenação da escola foi por intermédio de uma professora já conhecida na escola, devido aos seus projetos em Jurujuba. Durante uma feira anual, aconteceu o contato e o primeiro diálogo, na qual a coordenadora pedagógica autorizou a atividade em sala, inclusive contatando a professora de geografia regente da turma. Já naquele primeiro encontro, ficou acordado que a atividade seria feita na seguinte semana.

---

<sup>10</sup> A autora, em outros trabalhos, realizou entrevista no bairro, fora do tempo da festa, e nos dias em que ocorrem a festa. Todos os entrevistados tinham, no mínimo, 25 anos. (CAXIAS, 2017a, 2017b)

No dia da atividade, a sala, pouco movimentada, devido à evasão, infelizmente, comum na educação básica brasileira (SILVA FILHO e ARAÚJO, 2017), não paralisou o típico dia de uma aula. Havia muito barulho e agitação. Nesse ambiente, esta pesquisadora foi apresentada pela professora regente de geografia. Com menos alvoroço, a pesquisadora conseguiu explicar seu estudo e solicitou aos estudantes que participassem do processo. Ela deixou claro que não havia obrigatoriedade, que não “valia ponto” e que a participação era voluntária. Alguns aceitaram participar; outros não.

A atividade foi realizada com sucesso. Em seguida, foram entregues termos de autorização para os estudantes, para que pedissem aos seus responsáveis para assinar. Dessa forma, aqueles que não entregaram os termos não tiveram seus mapas mentais expostos neste trabalho. Foi necessário o retorno à sala de aula, não mais para realizar a atividade, mas para recolher os termos de autorização para o uso dos dados obtidos.

Se “a festa é garantida pela memória e pela permanência e construção dos signos simbólicos aliados aos processos culturais de lembranças e aos momentos vividos por meio de laços afetivos entre os indivíduos” (TEIXEIRA, 2016, p. 118), os mapas mentais aqui interpretados são instrumentos metodológicos cabíveis no processo de investigação.

## 2.1. PERCEPÇÃO E ESPAÇO VIVIDO: FENOMENOLOGIA E HUMANISMO

Apreender o “mundo dentro do mundo” não é uma tarefa fácil para uma proposta científica. Como já foi discutido no texto, a proposta para pensar a percepção e o mundo vivido se fundamentou no tangenciamento do método fenomenológico e na geografia cultural humanista. Esse referencial teórico-metodológico estabelece diálogo com as teorias fenomenológicas e sociolinguísticas sobre o espaço e sua apreensão/representação.

Kozel (2010) afirma que

O aporte fenomenológico nos permite a reflexão sobre como a consciência apreende as essências a partir dos fenômenos percebidos, não como conteúdo, mas como estrutura do conhecimento. O foco está no sentido que o sujeito apreende as coisas, assim, as imagens a princípio se formam na consciência individual e posteriormente podem ser representadas por meio de signos formando uma imagem. Considerando as formas sógnicas como advindas da percepção e representação socioespaciais, propomos como referencial Mikhail Bakhtin (1986), que permite analisar os signos (representados nos mapas mentais) como enunciados. Os mapas mentais como construções sógnicas requerem uma interpretação/decodificação, lembrando que estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades. (KOZEL, 2010, p. 2).

Dessa forma, a pesquisadora apropria-se da dimensão bakhtiniana de signo e, a partir do conceito de enunciado, evidencia o sistema semiológico como expressão da sociedade numa visão dialógica. Por isso se fundamenta na teoria de Bakhtin (1986) apud Kozel (2010, p.3), “onde todo sistema de representação se constitui em dialogismo<sup>11</sup>, onde os significados estão na interlocução, pois o signo só existe dentro de um contexto que lhe dá sentido”.

Nesse sentido, o aporte teórico-metodológico que fundamenta a compreensão do signo pelas imagens dos mapas mentais é a fenomenologia e a linguística. A percepção, nessa proposta, é fundamental para compreender os aspectos do cotidiano dos sujeitos.

Segundo Oliveira (1977), a Teoria Interacionista<sup>12</sup> de Piaget explica o processo perceptivo de forma mais completa, pois o considera “como parte integrante da vida do sujeito, podendo-se constatar que a explicação cognitiva é uma resposta mais integral às indagações fundamentais sobre a problemática do espaço”. O mundo vivido compreende todos os sentidos do indivíduo em relação a algo ou alguma coisa. O corpo sente e o sujeito codifica.

Merleau-Ponty (2004) inicia seu texto com a seguinte afirmação:

[...] o mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos, à primeira vista, o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter-se acesso a ele. Aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.2).

A percepção corporal apresentada por Merleau-Ponty (2011) aponta um sujeito que em si mesmo se descobre em uma “estrutura metafísica”, mediante a qual ele é qualificável como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história, é o corpo-sujeito. Esse corpo sente, atua, transforma e se transforma, representa. Dessa forma, sua afirmativa (2004, p. 2 -3) desponta no sentido de que “o mundo é em grande medida ignorado por nós porque permanecemos com numa postura prática ou utilitária, e que precisamos fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”. Deveria ser “fácil” penetrar no mundo da percepção, mas não o é.

---

<sup>11</sup>“Na perspectiva bakhtiniana, tanto o método como o objeto das ciências humanas são dialógicos, produtos do diálogo entre interlocutores e diálogo entre discursos. Para ele ‘ser significa comunicar-se [...], pois a vida é dialógica por natureza’.

O dialogismo diz respeito às relações estabelecidas entre eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente entre os sujeitos, que refletem e incorporam esses discursos, destacando não apenas como fala individual, mas como elo de significações, entrelaçando e perpassando os discursos. Não se trata de apenas mais um conceito entre tantos, mas nesta perspectiva imprescindível para o estudo e compreensão da linguagem sócio-cultural inerente às representações do cotidiano.” (KOZEL, 2009, p.3)

<sup>12</sup> Na teoria interacionista, a percepção só pode ser analisada quando integrada ao mundo vivido dos indivíduos, interferindo nas diferentes formas de apreensão, detectando a existência de uma construção tanto no plano cognitivo, perceptivo como afetivo. (KOZEL, 2001)

Assim, o conceito de espaço vivido na geografia busca compreender o mundo dos sujeitos a partir da percepção. O objetivo central dessa abordagem é o homem, o ser vivo do mundo, tendo em vista a compreensão da estrutura e dos significados do espaço vivido. Assim sendo, numa perspectiva cultural humanista, é impossível compreender as trajetórias dos sujeitos a partir das relações geométricas, pois a experiência humana se transforma por meio das práticas sociais. O suporte terreno é o lugar (base onde acontecem as histórias dos indivíduos) e as trajetórias do indivíduo nesse lugar transformam-se em vivências. Para Kozel:

Se a representação do trajeto traduz a organização do espaço e as referências correspondem a conceitos topológicos de separação, ordem, associação, posição e conexão, a partir desta abordagem eles passam a se constituir apenas em referências simbólicas, visto que eles trazem consigo as significações pessoais, que têm suas origens nos valores culturais, pois a cultura, apesar de representar valores coletivos, também se referem a cada um em particular. (KOZEL, 2001, p. 147)

Com base nessa interpretação, compreende-se a importância dos mapas mentais para analisar um determinado fenômeno, já que, embora haja a representação coletiva sobre algo, os signos individuais aparecerão nesse contexto, apontando para uma compreensão da identidade, num diálogo entre o indivíduo e o coletivo, num processo retroalimentativo.

Castells (1999, p.84) considera que “a identidade é uma construção histórica dos significados sociais e culturais que referenciam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo”. A identidade é construída culturalmente e organizada em torno de um conjunto específico de valores, cujo significado e uso compartilhado “são marcados por códigos específicos de auto-identificação, a comunidade de fiéis, os ícones do nacionalismo, a geografia do local”.

A identidade se constrói à medida que os indivíduos se reconhecem enquanto pertencentes a um grupo social. Os códigos que sistematizam essas relações são muitos, os mapas mentais corroboram para compreender e identificar esses códigos. Embora a Festa de São Pedro seja representada coletivamente na figura do santo, na procissão marítima e na capela iluminada, há outras significações que perpassam as histórias individuais dos sujeitos que frequentam a Festa.

## 2.2. OS MAPAS E SEUS SIGNIFICADOS

Os mapas, sejam eles cartográficos ou não, sempre foram utilizados como forma de ver e viver o/no mundo (MARQUEZ, 2014). Kozel (2001), ao esquematizar os códigos existentes nos mapas, adaptando de Girard (1997), apresenta os códigos Intrasignificantes e os Extrasignificantes (Figura 5). Essa perspectiva corresponde a uma das vertentes de pesquisa

que buscar evidenciar o caráter sócio cultural, político e ideológico das representações cartográficas. Wood & Fels (1986, p.54) afirmam que “Every map is at once a synthesis of signs and a sign in itself: an instrument of depiction - of objects, events, places - and an instrument of persuasion — about these, its makers and itself”<sup>13</sup>. Sendo o mapa uma síntese de signos e um signo em si, destacamos mais uma vez o processo retroalimentativo do mapa como construção social, seja pela perspectiva individual, seja como instrumento de dominação, como afirma os autores.

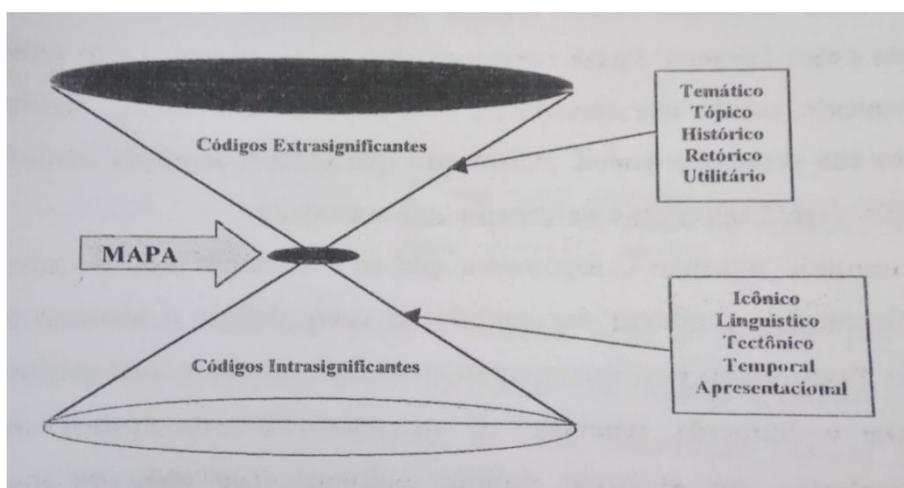


Figura 4: Códigos Existentes nos Mapas  
 Fonte: Wood & Fels (1986) apud Kozel 2001, p. 205

Assim, como Bakhtin (1986) já enunciou, os signos são decodificados dentro de um contexto cultural, o mesmo contexto no qual foram construídos. Para Kozel

[...] todo tipo de linguagem é uma construção sógnica, portanto um produto social, oriundo da necessidade de comunicação social, sendo que a consciência também é um produto social.

Os signos podem ser construídos por intermédio de imagens, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

[...] Para Bakhtin não existe um enunciado absolutamente próprio, ele se encontra na intermediação entre os sujeitos: destinador e destinatário, porque o enunciado é essencialmente dialógico. (KOZEL, 2010, p. 6, 7)

Portanto, a proposta trazida por Wood & Fels (1986) através de Girard (1997), exposta na Figura 5, vai de encontro a essa lógica representacional. Os chamados códigos intrasignificantes são usados pelo mapeador nas representações; é a aparência do mapa, sua

<sup>13</sup> “Todo mapa é ao mesmo tempo uma síntese de signos e um signo em si mesmo: um instrumento de representação - de objetos, eventos, lugares - e um instrumento de persuasão - sobre esses, seus criadores e ele mesmo”. Tradução nossa.

materialidade. Os atributos gráficos, a terminologia, a linguagem, relações de proporção e temporalidades são os aspectos organizados e redigidos pelo código apresentacional. Dessa maneira, transforma-se em um “coerente discurso cartográfico... pois carrega o mapa para fora do domínio da intrasignificação” (KOZEL, 2001, p. 206), passando, assim, o mapa a se integrar culturalmente aos que o consomem como verdades naturalizantes.

Os códigos “extrasignificantes” constituem-se como arcabouço do enunciado ou “códigos subliminares” que se apropriam do mapa, utilizados pelo mito, instituindo o objeto do discurso que está sendo proferido. Desse modo, o lugar identitário torna-se reflexo de uma construção histórica sobre o qual se fala algo, indicando uma cultura e valores. Ao se apropriar do mapa, usam estilos que corroborem a divulgação do mito, e, conseqüentemente passa (os códigos) a ser objetivo, programado, quando é incorporado pelo leitor ou usuário dessa representação. (KOZEL, 2001).

Dessa forma, os discursos enfatizados nos mapas passam também a serem compreendidos pela competência simbólica, refletindo vivências e percepções. “O mapa é reflexo de discursos criados e incorporados ideologicamente pelos homens” (KOZEL, 2001, p.206). Wood & Fels (1986, p.54) afirmam que “Map signs, and maps as signs, depend fundamentally on conventions, signify only in relation to other signs, and are never free of their cultural context or the motives of their makers”<sup>14</sup>. A figura 6 ilustra, de forma cômica, a posição de não neutralidade dos mapas: sempre há uma intencionalidade na construção dos signos que irão compor um mapa e da escolha do mapa com signo/ símbolo.



Figura 6: A neutralidade dos mapas  
Fonte: Silva, 1995 *apud* Kozel (2013, p. 59).

<sup>14</sup> “Signos do mapa, e mapas como signos, dependem fundamentalmente de convenções, fazendo sentido nas suas relações com outros signos, e nunca estão livres de seu contexto cultural ou as intencionalidades de seus criadores.” Tradução nossa.

### 3. EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS: DESCORTINANDO SIGNIFICADOS

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente uma visão muito particular dos lugares e territórios. (KOZEL, 2013, p.64)

A partir das considerações sobre a geografia cultural humanista, dos conceitos de Festa (enquanto agente na construção de significados) e de mapa mental (como suporte metodológico), Kozel (2013) aponta dois eixos para analisar os mapas como construções socioculturais: o primeiro traduz as imagens como meio de informação e comunicação, constituindo a trajetória trilhada pelas representações cartográficas (modelização, semiologia, cognição e sócio-semiótica); o segundo, a construção das imagens decorrentes da apreensão dos significados e subjetividade referendada pelos mapas mentais.

A busca deste trabalho vai em direção à possibilidade de descortinar novos olhares sobre a Festa de São Pedro a partir de um público adolescente. A imagem, para esse grupo, é um meio de comunicação cada vez mais importante e fundamental (CASTELLS, 1999).

Para representar um lugar ou decodificar uma imagem desse lugar, investiga-se o significado, que está baseado na dimensão do “sistema de signos, relacionando significado/significante, homem/imagem” (KOZEL, 2013, p.60), preocupando-se como as informações serão transmitidas e decodificadas. Freire (1995), segundo Kozel (2013), explica que os “mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias e não podem ser desvendados pela razão” (p.64). O enfoque comportamental, os mapeamentos cognitivos, o conceito de espaço vivido em direção às representações, permitem uma decodificação dos mapas mentais por um olhar da geografia cultural humanista, permitindo ao pesquisador compreender os aspectos mais profundos da imagem/ texto que está sendo interpretada. Ainda segundo Kozel:

As representações na geografia têm por objetivo entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências, temporal, espacial e social, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento. (KOZEL, 2013, p.66)

A partir dessas premissas apresentadas ao longo deste trabalho, busca-se, agora, analisar cinco mapas mentais. Destaca-se aqui o fato de que foram feitos pelos únicos alunos

que atenderam às exigências do Comitê de Ética: a assinatura do termo de assentimento, do termo de consentimento e o termo de autorização de uso de imagem.

### 3.1 ANALISANDO OS MAPAS

A fim de compreender as dinâmicas da Festa de São Pedro e o imaginário dos estudantes, foi proposto a uma turma de 9º ano do colégio estadual existente do bairro que fizessem – os que gostariam de participar - um mapa mental do que a Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba representava/ significava para eles. Junto a essa atividade, aconteceu uma conversa com toda a turma para compreender de que forma outros elementos influenciam na construção da representação, tais como a religião e o ambiente de vivência.

Para compreender, interpretar e analisar os mapas, utilizou-se a metodologia criada pela professora Salete Kozel, em sua tese de doutoramento, que, a partir de determinados quesitos, ajudou a compreender os aspectos sógnicos dos mapas.

A “Metodologia Kozel” propõe que os conteúdos dos mapas mentais sejam analisados pelos seguintes quesitos:

**1-Interpretação** quanto à forma de representação dos elementos na imagem (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas);

**2-Interpretação** quanto à distribuição dos elementos na imagem (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva);

**3-Interpretação** quanto à especificidade dos ícones:

- . Representação dos elementos da paisagem natural;
- . Representação dos elementos da paisagem construída;
- . Representação dos elementos móveis;
- . Representação dos elementos humanos.

**4- Apresentação** de outros aspectos ou particularidades.

A partir dessa análise dos mapas, pode-se obter uma maior compreensão, sobre a lógica dos atores e sua relação com o espaço vivido e os discursos estabelecidos, por meio dos signos. A metodologia proposta tem sua base teórica na filosofia da linguagem bakhtiniana, propondo analisar os signos como algo que reflete uma construção social e cultural, referendando uma determinada visão de mundo (KOZEL, 2009). Kozel defende que

As pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar formas de mundo, estabelece sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado. (KOZEL, 2013, p. 64)

Analisando os mapas mentais, considerou-se, a priori, o gênero, faixa etária, religião e o lugar em que os alunos moravam. A memória é coletiva, os cotidianos são vividos individualmente. Como afirma Torres:

Os mapas mentais, ao contemplarem a realidade percebida e a imaginação, apresentam-se como representações da vida, que se complementam às memórias narradas nas entrevistas. Entendendo que as histórias de vida de cada entrevistado são pessoais e únicas, nelas há representações sobre diferentes lugares, que remetem a distintas paisagens da memória. (TORRES, 2014, p.102).

Buscou-se desvendar algumas paisagens da memória dos estudantes que realizaram a atividade.

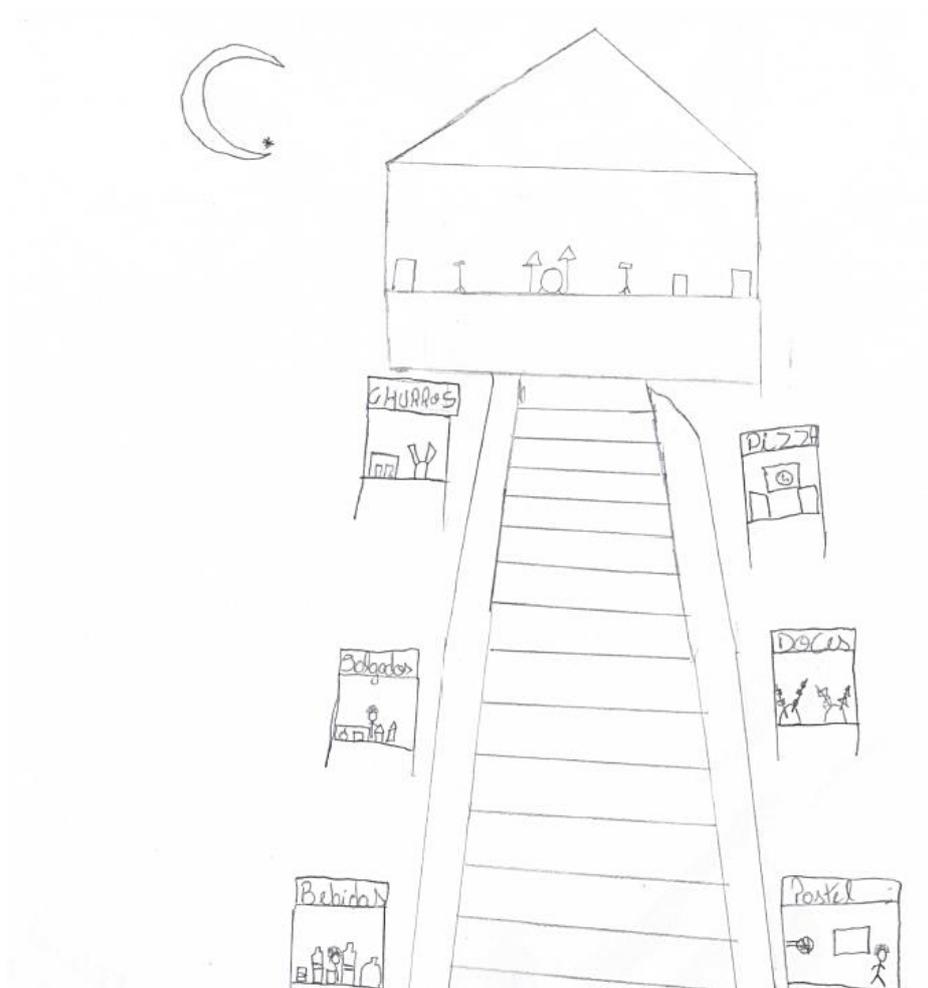


Figura 7: Mapa Mental 1- Menino, 14 anos, católico, não morador de Jurujuba

Nessa imagem/texto, podemos perceber a presença maciça da lógica geométrica, quadrados, retângulos, triângulos. Os elementos se comportam de forma ordenada: as barracas de comidas ficam no caminho que leva até o palco onde ocorrem os shows à noite. Os ícones do mapa refletem os elementos humanos, construídos pelos homens; as barracas, a própria ideia de ordenamento da rua. Repara-se que o único elemento natural escrito na imagem/ texto é a lua. Assim, retrata-se e reafirma-se a Festa dita profana<sup>15</sup>, que ocorre à noite. Esse momento traz significado para esse sujeito. A figura 8 uma fotografia, no momento da Festa, numa observação de campo, em 2016, pela autora. O sujeito que construiu o mapa mental 1 (Fig. 7) representou, em sua imagem/texto, esse caminho, a partir de suas construções imagéticas, suas vivências e momentos. Importante refletir sobre o fato de o sujeito não ser morador do bairro de Jurujuba, onde a Festa é realizada, e se considerar católico.



Figura 7: Festa de São Pedro  
Fonte: Caxias, 2016 (editada)

<sup>15</sup> Para Corrêa (2001, p.31), “o espaço sagrado é o *locus* de uma hierofania, isto é, o espaço é o *locus* da manifestação do sagrado”, perspectiva essa pautada em Eliade (1992, p.17) que faz a seguinte distinção entre o sagrado e o profano: “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”. Dessa forma, pode-se fazer uma leitura da Festa pela divisão entre sagrado e profano. A festa de rua, onde há cervejas, shows não religiosos, brigas e etc, é considerada o espaço profano, já o espaço sagrado se qualifica na condição do simbólico, do transcendente, mítico, religioso.

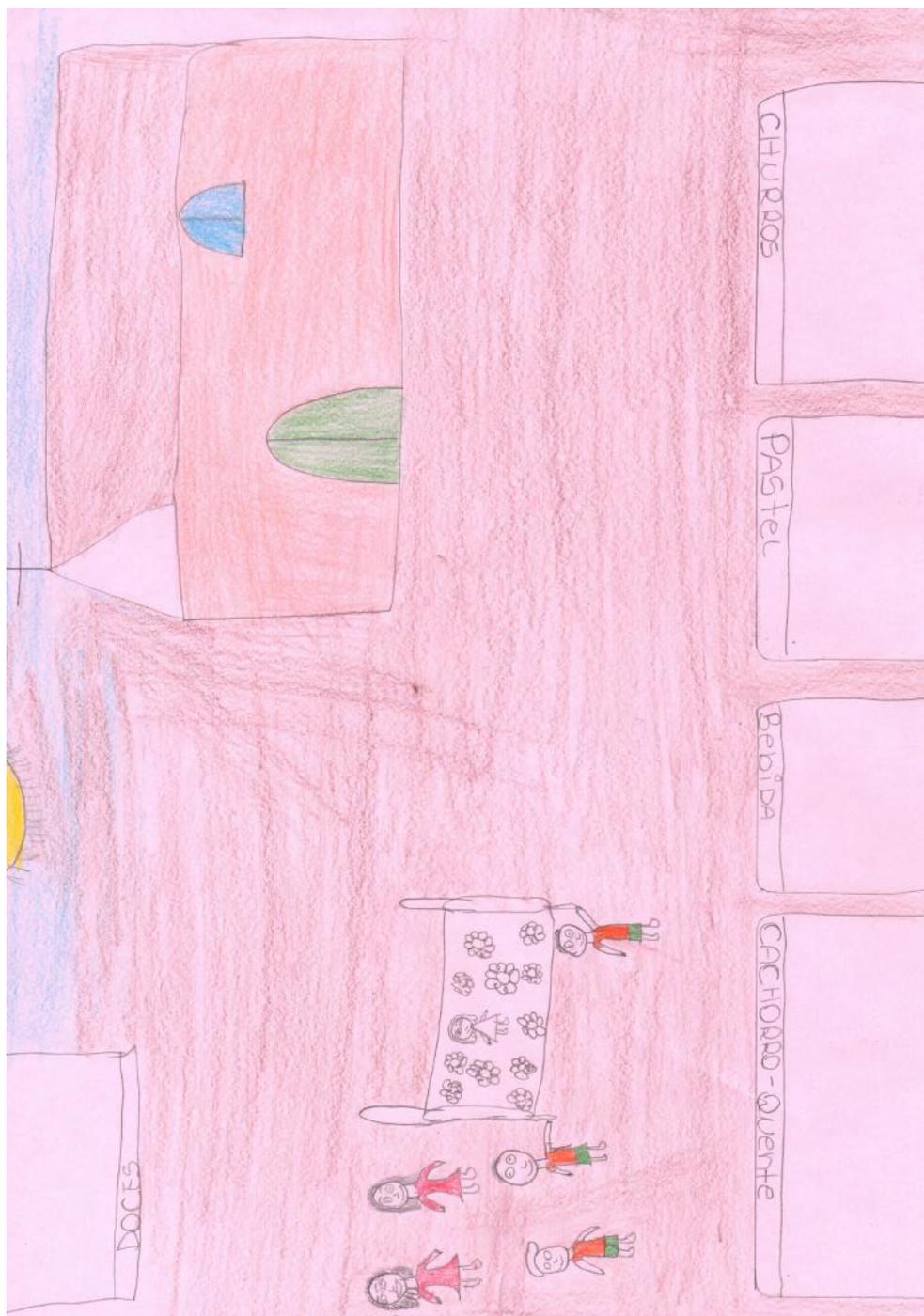


Figura 9: Mapa Mental 2 – Menina, 15 anos, católica, moradora de Jurujuba

O mapa mental 2 (Fig. 9) possui figuras geométricas também, como as barracas de doces e salgados, quadradas e retangulares. Além de a capela estar representada, diferentemente do mapa mental 1 (Fig. 8), esse retrata o dia, o Sol, que está em semi destaque. Importante perceber um grupo de pessoas carregando algo, como se seguisse uma procissão, mas a imagem carregada é de uma mulher entre flores, no entanto, o santo que representa a

Festa é masculino, São Pedro. O colorido chama a atenção em relação ao mapa anterior, que é preto e branco. Nesse mapa 2, as barracas estão ali e são representadas pelos nomes do que vendem, as pessoas estão mostradas na rua. Os espaços vazios também são um destaque.

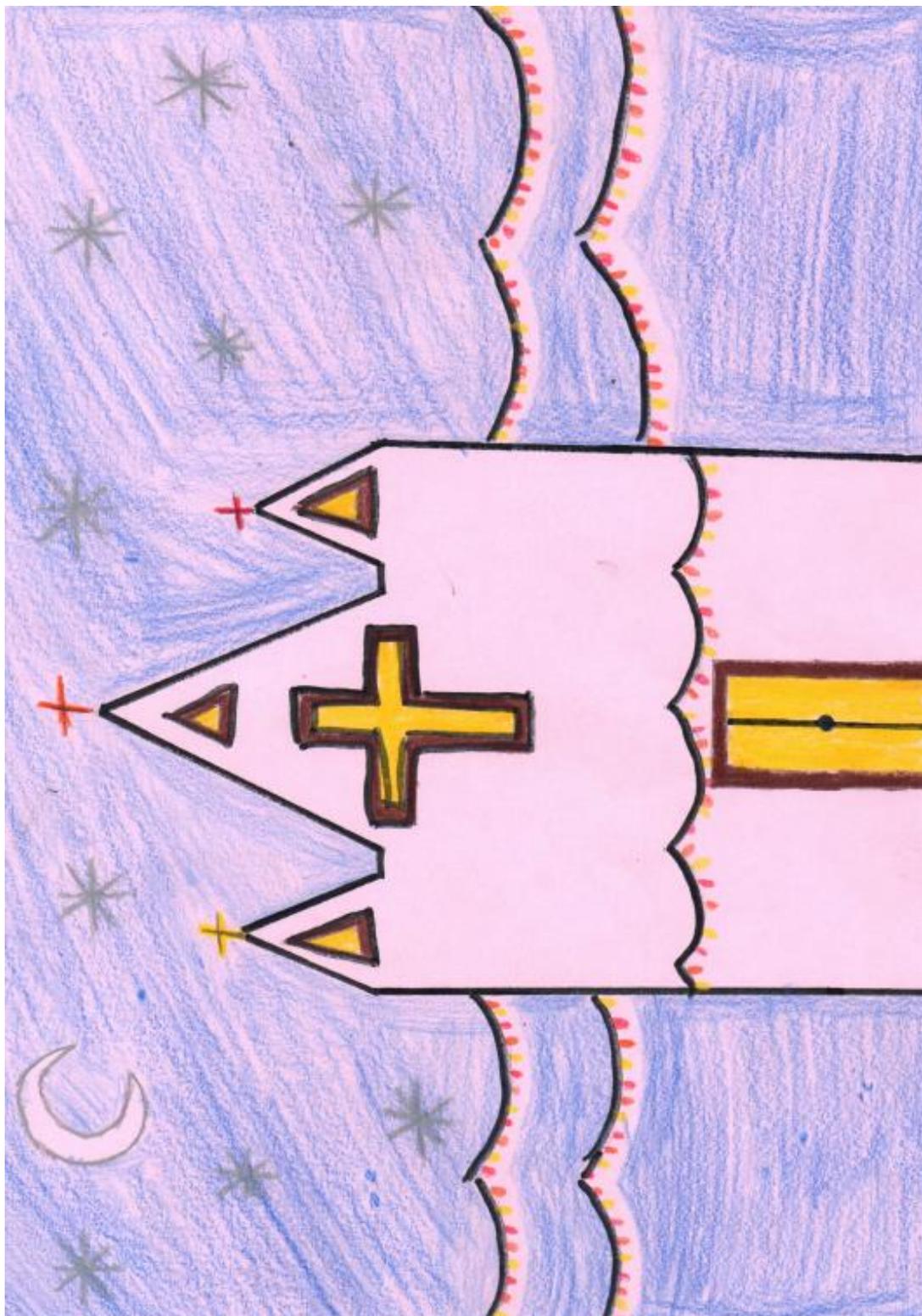


Figura 10: Mapa Mental 3 – Menina, 14 anos, católica, não moradora de Jurujuba

O mapa mental 3 (Fig. 10) possui uma única imagem central: a capela. A representação geométrica concentra-se apenas na construção da capela, muito colorido. Há linhas e não há uma distribuição espacial dos elementos, e sim a centralidade da figura da igreja. Retrata-se a noite. A capela com cores de amarelo, vermelho e laranja pode estar a representar a iluminação da igreja. A estudante católica e não moradora do bairro encontra, na figura da igreja, sua representação, significação da Festa. Pode remeter ao fato de essa aluna, em algum momento, ter participado da festa. Importante notar que não há letras nem elementos humanos na imagem/texto.



Figura 11: Mapa Mental 4 – Menina, 16 anos, católica, moradora de Jurujuba

O mapa mental 4 (Fig. 11) apresenta-se em ícones e figuras geométricas, com letras indicando o “Viva São Pedro”. Os elementos estão postos em perspectiva bidimensional. É possível observar a prevalência de elementos da paisagem construída, como a capela – simbolizada pela cruz – e o palco de shows – representado pelos riscos coloridos indicando, possivelmente, as luzes do palco que são coloridas e animam os espectadores. A presença dos elementos humanos é marcante: há pessoas na igreja, há pessoas em frente ao palco e, possivelmente, os dois humanos mostrados em cada lado do palco representam os seguranças que ali se localizam. Não há lua ou sol, mas a presença do show e da missa significa que a representação é dada pela noite, já que as missas ocorrem às 19h, e, às 22h, os shows. A presença do colorido é bastante marcante.



Figura 12: Mapa Mental 5 – Menina, 15 anos, católica, moradora de Jurujuba

O mapa mental 5 (Fig. 12) apresenta as formas geométricas presentes na construção dos barcos, linhas; e sua dispersão está em perspectiva ao evento da procissão marítima, onde os barcos estão ornamentados e coloridos sobre a Baía de Guanabara, e está sol. Essa imagem/texto apresenta muitos elementos naturais: o céu, o sol, os pássaros, o mar e, como elemento da paisagem construída, há os barcos, que também se representam como elementos móveis. No entanto, essa é a segunda imagem/texto em que não há letras nem elementos humanos. Para a estudante, a Festa de São Pedro é representada pela figura da procissão marítima.

### 3.2 MEMÓRIAS, IDENTIDADES E FESTA

As memórias engendram significado na vida cotidiana com base no sentido de lugar que os sujeitos estabelecem a partir da construção sujeito/signo/ imagem. As histórias contadas nos mapas mentais são representações da Festa de São Pedro que retratam memórias e apontam os sentidos plurais do lugar e da festa. As identidades se revelam nas representações que os atores sociais, nesse caso, os estudantes, construíram em seus mapas mentais, ou quando se recusaram a participar da atividade.

A identidade é sustentada por um conjunto de práticas e ações individuais e coletivas que fortalecem as relações sociais, culturais, econômicas e políticas de um determinado grupo social. Para Dourado et al.

A identidade se constrói, então, pelas histórias de vida das pessoas e famílias, pela história de grupos, comunidades e países; pelas coisas próprias que são produzidas em cada lugar, por exemplo, como se planta, como se colhe, como se pesca, como se criam os filhos, como se come, como se fala.

A identidade é, permanentemente, construída e vivida no dia a dia, produzindo e até mesmo renovando o saber fazer bolsas e cestos de palha de junco e taboa, redes, tarrafas e covos, uma boa moqueca; saber o tempo de colher a mangaba, limpar os coqueiros e colher seus frutos... Esses são exemplos de atividades corriqueiras, mas que, quando praticadas como referências das comunidades, mostram suas identidades culturais. A identidade é, pois, afirmada pela cultura e pela história, ou seja, pela memória individual e coletiva daqueles que produzem dando significado às suas vidas. (DOURADO, VARGAS, SANTOS, 2015, p. 8 e 9)

Isto posto, pode-se reafirmar a conceituação de “quadros sociais da memória” de Halbwachs (1990), que considera a memória individual como o conjunto de elementos que são legados socialmente, ou seja, a memória é um constructo social. O que não significa a não existência da competência psíquica individual das lembranças, entretanto, até mesmo nas

lembranças individuais está implícita a coletividade do momento a ser lembrado. A memória social é o vínculo entre indivíduo e sociedade, entre os estudantes e a Festa, entre os estudantes e seu lugar, assim podem-se tratar de memórias ao invés de uma única memória.

Nessa perspectiva, as memórias que se constroem estão a forjar uma identidade coletiva que também é individual. Segundo Le Goff (2003, p.489), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. À medida que o indivíduo se reconhece no ambiente e/ou se integra no circuito do símbolo construído, neste trabalho, a Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba, a identidade torna-se representada. “O fato cultural como portador de sentido e como gerador de significados, variando de pessoas para pessoas, sendo que o mundo é construído na troca de significações, intermediado por mensagens que resultam no ser social” (KOZEL, 2013, p.64). Assim, o mundo vivido social é subjetivo, é construído pelas relações sociais, os laços de afetividade que foram existindo ao longo da existência do indivíduo, dotando-o da condição de ser social.

Ao interpretar cada mapa mental, pode ser constatar que, a partir da metodologia empregada, as imagens/textos mostram as representações de um imaginário coletivo, como foram observados nas figuras da Capela, figuras 9, 10 e 11; da procissão marítima, figura 12; os shows que acontecem à noite, figuras 7 e 11; as barracas de doces e salgados representando a festa, figuras 7 e 9. Ao ler essas imagens/textos, observa-se que a enunciação pautada na perspectiva bakhtiniana é facilmente reconhecida quando se conhecem os códigos sócio-culturais do grupo social. Algumas figuras da festa são fundamentais no contexto de sua tradição.

A capela iluminada e a procissão marítima, por exemplo, são símbolos que marcam a Festa no bairro de Jurujuba e foram observadas nos mapas construídos, no entanto, mesmo com esse constructo social, as representações cotidianas, do campo da individualidade, também estiveram presentes nos mapas.

Para o estudante que construiu o mapa 1 (fig. 7), a festa tem importância à noite, porque cria-se um caminho para a diversão a partir do show a ser apresentado. Os mapas construídos por meninas, por exemplo, num recorte de gênero, são todos coloridos, com muito rosa, cor tipicamente referente a mulher<sup>16</sup>. Mas a presença do show à noite, retratado no

---

<sup>16</sup> Há consciência neste trabalho que as cores não possuem gênero, no entanto, também há consciência do processo de construção social imposto às cores, para diferenciar o gênero feminino do gênero masculino. Como exemplo, o azul é masculino e o rosa feminino, e, muitas vezes, essas construções são incorporadas pelos sujeitos os quais são submetidos. No estudo em questão, as meninas escolheram papéis coloridos para escreverem seus mapas mentais, e o menino escolheu o papel branco e usou apenas lápis.

mapa 4, reflete a presença da estudante naquele momento ou seu desejo de ir, porque a mesma faz questão de destacar a imagem do palco.

Todos os estudantes cujos mapas foram aqui interpretados se auto declararam católicos. Isso denota uma proximidade religiosa que os condiciona a querer representar esse momento da Festa. Em turma, após a atividade dos mapas mentais, foi realizada uma “conversa” para compreender porque alguns não quiseram participar da mesma. Alguns meninos responderam que não gostam de desenhar; outros apenas não quiseram, mas uma fala foi bastante oportuna: “Eu não quis participar porque você perguntou o que a festa significa/ representa pra mim, e pra mim a festa não significa nada. Ela existindo ou não existindo, não fará diferença nenhuma pra mim.” (Estudante, não moradora do bairro, evangélica).

Mas não é possível afirmar apenas com uma fala que se trata de intolerância religiosa, pois, em trabalho anterior (CAXIAS, 2017b, p. 5798), pode-se conferir, em entrevista no bairro, com uma moradora evangélica, que a Festa “representa distração e lazer, por se difícil ter outra coisa”. Destaca: “é uma festa simbólica e atrai muitos turistas e aumento de renda”. O que se pode apreender é que a relação simbólica com o lugar influencia na percepção da Festa e sua apreensão enquanto significado cultural, como foi possível observar na fala da jovem estudante não moradora de Jurujuba e a senhora moradora de Jurujuba.

Conforme Kozel (2013, p.68) aponta, “as representações sociais sempre estiveram implícitas na visão espacial dos povos, retratando aspectos culturais e valores, em princípio, provenientes do senso comum, retratando trajetos e lugares.” A Geografia das Representações permite elaborar um conhecimento espacial pelos sujeitos, em sua realidade engendrada, a partir do real e do imaginário. No mapa mental 2, por exemplo, a estudante retrata um grupo de pessoas com uma faixa e, nesta, a figura de uma mulher entre flores. Essa imagem reforça a ideia de que o real está sempre na interface da objetividade e subjetividade e referenda uma visão de mundo.

#### 4. REFLEXÕES FINAIS: UM MUNDO DE SIGNIFICADOS

Este trabalho se propôs a apresentar a Festa como um fenômeno socioespacial, carregado de signos e significados, que emerge em distintas representações e pluralidades perceptivas. Em uma construção sígnica individual, a partir dos mapas mentais, a Festa de São Pedro reafirma histórias, memórias, identidades.

Teixeira (2016, p.176) afirma que “o ser humano se percebe como ser no mundo com base em como ele é, onde ele vive e em suas atitudes na trajetória cultural”. Assim, foi possível observar o quanto as relações culturais podem influenciar no imaginário de um sujeito, e sua forma de experimentar/ perceber a Festa e seu lugar, na perceptiva de Merleau Ponty (2011) do corpo-sujeito, endossam a compreensão dos sentidos e dos significados.

Na proposta desta monografia, buscou-se tangenciar aspectos da fenomenologia enquanto base para caminhar na metodologia Kozel a fim de interpretar os cinco mapas mentais. Desta forma, confirmou-se que o imaginário coletivo, os quadros sociais da memória, se desdobram em um imaginário individual - dos sujeitos inseridos em um determinado grupo social.

Fez-se aqui um resgate teórico conceitual da Festa, da abordagem da Geografia Cultural Humanista, dentro da premissa da Geografia das Representações, base para a utilização da metodologia Kozel, de interpretação dos mapas mentais. Deixa-se claro que a proposta não poderia tabelar dados qualitativos, mas avaliá-los dentro da compreensão de que o fato cultural influencia na construção sociocultural dos sujeitos, que estão inseridos em um determinado grupo social. Neste trabalho, sendo católicos e morando ou não no lugar Jurujuba.

Foi mostrado um breve histórico da Festa de São Pedro e do dia do santo, considerado o mais importante, indo em direção à concepção de espaço vivido para fundamentar a leitura dos mapas a partir do aporte fenomenológico, dos signos e significados. Dessa forma, foi possível perceber que as memórias são construídas a fim de forjar identidades, e a Festa contribuiu para essa produção de memória e também é produto dela.

Dessa forma, pode-se observar um mundo de significados que contextualizam as pluralidades expostas nos mapas mentais; as representações sociais só podem ser múltiplas. Os mapas mentais foram muito importantes como instrumento para se apreender como os jovens olham e vivem a Festa de São Pedro, como dados empíricos, tornaram possível

abranger os significados que compõem o imaginário dos adolescentes frente a uma festa que tem, no mínimo, 94 anos.

Essa leitura dos mapas por meio da percepção, com o aporte da fenomenologia, só foi possível devido à estrutura criada pela Geografia Cultural Humanista, na qual Kozel (2001) foi uma das pioneiras. Considerou-se refletir sobre as construções cartográficas para além da geometria, buscou-se ir além, compreender as estruturas sociais e culturais que compõem as diferentes formas de fazer um mapa e lê-lo.

Assim, concluiu-se que os mapas mentais corroboraram para assimilar a Festa como tradição, mesmo que a todo tempo reinventada, já que a cultura é dinâmica. Mostrou-se eficiência no trabalho de apresentar pluralidades de olhares e percepções, e, dessa forma, atingiu o objetivo de descortinar significados sobre a Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba. No entanto, a quantidade de mapas mentais é muito pequena para concluir, de forma mais aprofundada, teorias coletivas sobre a festa em tela.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G et al. Territorialidades de festas populares: espaço-tempo cognitivo, conectivo e conflitivo. *Revista da ANPEGE*, Dourados, v. 12, n. 18 (número especial), p. 347-362, 2016.
- BEZERRA, A.C.A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 23, p. 7-15, 2009.
- \_\_\_\_\_. Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. *Revista Fluminense de Geografia* (Impresso), Niterói, v. 5, p. 33, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Pelas margens da cidade e no meio da festa: a (re)invenção da festa e da identidade no espaço urbano de Mossoró-RN*. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2006.
- BAILLY, A. Les représentations en Géographie, In : BAILLY, et all. *Encyclopédie de géographie*. Paris Editora Econômica, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA; ROSENDAHL (org.) *Geografia cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2009 [1980].
- CAPONERO, M. C.; LEITE, E. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. *Revista: Patrimônio: Lazer & Turismo*, v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p. 99-113.
- CASADEI, T. O. *A Imperial Cidade de Nictheroy*. Niterói, RJ: Serviços gráficos Impar, 1988.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*, v.2, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAXIAS, D. D. Viva a São Pedro!: a força da devoção desenhando territórios. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. 2017, Porto Alegre. *Anais do XII Enanpege*, 1º edição. 2017b. 5791 – 5801 p.
- \_\_\_\_\_. *Cenários e viveres do bairro de Jurujuba: da pesca ao território da Festa*. 2017. 60f. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2017a.
- \_\_\_\_\_. D.; FERNANDES, P. Jurujuba: la búsqueda de un nuevo porvenir pesquero y acuícola. *InfoPesca Internacional*, v. 49, p. 28-29, 2012.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Tabela 1378 – População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378#resultado>>.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994 [1980].
- CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., SERPA, A.( orgs.) *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia*. Salvador: EDUFBA, 2012.p. 11-25.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural: um balanço. *Geografia*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 05-24, set./ dez. 2011.

\_\_\_\_\_. *Terra dos homens: a Geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. A paisagem dos geógrafos. In: ROSENDAHL; CORRÊA, (Orgs.) *Paisagens, texto e identidades*. Tradução de Márcia Trigreiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 13-74.

\_\_\_\_\_. “A volta do cultural” na Geografia. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, ano 1, n. 1, p. 19-27, 2002

\_\_\_\_\_. *A geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORRÊA, A. M. *Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global*. 2004. 323 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: uma antologia*, volume II. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

CRUZ, M. S. R.; MENEZES, J. S.; PINTO, O. *Festas culturais: tradição, comidas e celebrações*. I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15-47.

DEBORD, G., *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

DOURADO, A.M.; VARGAS, M.A. M; SANTOS, R.H. *Patrimônio e Identidade: nossas referências*. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe. (EDISE), 2015.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, L. F. *O lugar do carnaval: espaço e poder na festa carnavalesca do Rio de Janeiro, Paris e Nice (1859-1930)*. 2002. 303 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FREIRE, M. C. M. Além dos mapas: os movimentos do imaginário urbano. Um estudo de caso na cidade de São Paulo. 1995. 317 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GIDDENS, A. *A contemporary critique of historical materialism* (Vol.1): power, property and the state. Londres: Macmillan, 1984.

GIRARD, G. *A Cartografia e os mitos – ensaios de leitura de mapas*. 1997. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GODELIER, Maurice. *L' idéal et le matériel: pensée, économies, sociétés*. Paris: Fayard, 1984.

- GUARINELLO, N.L. Festa, trabalho e cotidiano. In: *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa V. II*. JANCSÓ, I; KANTOR, I. (Orgs). São Paulo: Hucitec/ Edusp, 2001.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: *Manifestações da cultural no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999. 169-190p.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. De Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apucuri, 2016.
- HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. *Geografia cultural: uma antologia v. 1*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2012.
- KOZEL, S. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. *Revista Geograficidade*, v.3, número especial: primavera. Rio de Janeiro, p. 58 – 70, 2013.
- \_\_\_\_\_. Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças. 2010, Porto Alegre. *Anais do XVI ENG*: AGB. 11p. 2010.
- \_\_\_\_\_. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica passível. In: XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, Montivideo. *Memorias XII Encuentro de geógrafos de América Latina*, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Das imagens às linguagens do geográfico*: Curitiba, a “capital ecológica”. 2001, 316 f. Tese. (Doutorado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris : Éditions Antrphos, 1974. 485p.
- LÖW, M. O spatial turn: para uma sociologia do espaço. Tradução do alemão e do inglês de Rainer Domschke e Fraya Frehse. *Tempo Social* (Revista de sociologia da USP) v. 25, n. 2, 17-34, 2013.
- MACHADO, I. A. Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. *Língua e Literatura*, n. 22, p. 89-105, 1996.
- MARQUEZ, R. M. O mapa como relato. *Revista Ra'e Ga*, Curitiba. v. 30, p.42-64, 2014.
- MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MENDONÇA, M. L. M. Festas populares hoje: muito além da tradição. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*, Campo Grande. MS. 12p. 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 4º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Conversas*, 1948. Tradução Fabio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NOLLER, P. *Globalisierung, Raum und Gesellschaft*. Elemente einer modernen Soziologie des Raumes. *Berliner Zeitschrift für Soziologie*, Berlin, 1: 21-48. 2000.

- NOTÍCIAS religiosas: festa de S. Pedro. *O Fluminense*, Niterói, p.1, 30 jun. 1913.
- OLIVEIRA, L. de. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. *Geografia*, Rio Claro, v. 2, n. 3, p. 61-72, 1977.
- PINHEIRO, T. O filósofo que deu vida a linguagem. *Educar para Crescer*, São Paulo, 14 jul. 2011. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>> Acesso em: 16 fev. 2017.
- RIBEIRO, M. V. Capela de São Pedro de Jurujuba, [2013]. Blog Capela São Pedro. Disponível em: < <http://capeladesaopedro.comunidades.net/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (Coleção Milton Santos)
- SILVA FILHO, R. B. e ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. *Educação por Escrito*. Porto Alegre, v. 8, n.1, p.35-48, jan-jun, 2017.
- TEIXEIRA, M. F. *As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger/MT*. 2016. 200 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2016.
- TORRES, M.A. *Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa* 2014, 242f. Tese (Doutorado em Geografia), - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. (Tradução Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.
- WOOD, D.; FELLS, J. Design on signs/myth and meaning in maps. *Cartographica*. Toronto: Toronto University Press, v.23, n.3, p. 54-103, 1986.